

## INTRODUÇÃO

O livro *Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico* surge no contexto da rede História & Ciência (HetSci), ligando os interesses científicos do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi) e do Instituto de História Contemporânea (IHC). Primeiro houve um Encontro Internacional, na Universidade de Évora. Um dia frio de Fevereiro, assinalado com pequena queda de neve, mas com uma calorosa participação de várias dezenas de pessoas. O primeiro registo foi o da apresentação de comunicações; textos já consolidados ou a abertura de novos desafios por parte de muitos dos jovens participantes. O ambiente foi de entusiasmo e de debate, no tempo de discussão e no tempo de pausas de sociabilizar com café e uma fatia de bolo. Esta parte de tecer elos de comunicabilidade científica sempre nos pareceu fulcral e essencial para o sucesso deste tipo de realizações.

É neste espaço físico e mental que se forjam novas energias, que se tecem críticas construtivas e se fazem pontes para o futuro. É ainda desse espaço concreto que trazemos a memória viva da presença entusiasmada da nossa Colega CEHFCi / HetSci, Madalena Esperança Pina, que no Estio de 2013 fez a Viagem sem retorno.

Foi nesse tempo de sociabilidade científica e académica que discutimos o carácter internacional da ciência e a prática científica das trocas e da circulação decorrente da existência de Ciência. O livro que agora se materializa resulta de uma seleção de textos temática que o Encontro de Fevereiro de 2013 propiciou.

Numa primeira parte tomamos contacto com *Espaços e Instituições*. Um conjunto de estudos que cronologicamente nos situam no intervalo do século XVIII até ao século XX.

*Meteorologia e as observações instrumentais: a emergência da construção de redes internacionais XVIII-XIX*, de Maria de Fátima Nunes; Maria João Alcoforado; Ana Cravosa, evidencia a forma como as observações instrumentais meteorológicas formaram uma rede de meteorologia europeia – séculos XVIII-XIX na qual Portugal participou através da ação da Academia das Ciências de Lisboa, da militância científica de Marino Miguel Franzini e da atividade regular do Observatório Meteorológico do Infante D. Luís.

Num outro cenário de prática científica temos o texto *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e a epidemia de cólera de Lisboa de 1894. Debates e polémicas*

*científicas*, estudo levado a cabo por Alexandra Marques, com supervisão de José Pedro Sousa Dias e de Maria de Fátima Nunes. Centrado no problema das epidemias de cólera na Europa de fim de século XIX, o texto explora as preocupações sanitárias dos Estados a partir do debate travado na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, com papel de destaque para a argumentação do diretor do Instituto Bacteriológico de Lisboa: Luís da Câmara Pestana.

O *Associativismo em história e internacionalismo: a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1911-28)*, de Ricardo de Brito elucida aspetos inovadores referentes à *Revista de História*, como suporte de disseminação da cultura científica europeia e a intelectualidade republicana.

Visando os espaços de investigação – laboratórios, Ângela Salgueiro discorre sobre *Os institutos de investigação universitários e os fenómenos de internacionalização científica em Portugal nos anos 20*, aferindo-se a relação entre trabalho dos institutos e participação portuguesa em congressos internacionais, de onde vão emergindo redes com as comunidades científicas ibero-americanas e com instituições estrangeiras congéneres.

Numa linha de investigação totalmente complementar o leitor depara-se com *A Junta de Educação Nacional (1929/36) e as bolsas de estudo no país: promoção científica num Portugal «europeizado»*, de Quintino Lopes, almejando traçar o perfil e a prática de bolseiro da JEN, abrindo pistas de renovação de agenda a partir deste fator de internacionalização da Ciência em Portugal.

Ciência também rima tematicamente com nacionalismos. É este paradoxo que Fernando Clara nos oferece com o texto *Narcisismos Luso-Alemães. Do Internacionalismo da Ciência no tempo dos Nacionalismos*. Estudam-se relações entre Ciência e Nacionalismo e Política no contexto das relações luso-alemãs durante o nacional-socialismo, no período entre 1933/45, abrindo o debate sobre o internacionalismo científico e universalidade da Ciência.

Num mesmo caldo de abordagem temos o capítulo de Cláudia Ninhos, *A divulgação da ciência “alemã” em Portugal pelos bolseiros da JEN/LAC. O caso de Artur Varela Cid e da aeronáutica*.

Encerrado o cenário das Instituições é tempo de se tomar contacto com os **Agentes e Dinâmicas** da Ciência e da Internacionalização da Ciência na Europa dos séculos XVIII-XX.

Começamos pela análise de um *Epistolário científico e internacionalização da história natural setecentista*, a cargo de João Brigola que nos desvenda as teias relacionais entre Naturalistas do Museu de História Natural da Ajuda (e.g. Domingos Vandelli) e os congéneres europeus, fluxos por onde passavam informações sobre

jardins botânicos, herbários, espécimes exóticos provenientes dos territórios ultramarinos, como o Brasil.

A partir do Brasil, enquanto espaço de dinâmica científica, Rafael Dias da Silva Campos apresenta *O internacionalismo da medicina portuguesa: teses de luso-brasileiros em Montpellier*. Uma agenda de Luzes europeias que se fazem sentir no espaço Atlântico, ocidental, do Império Ultramarino português, defendendo que este não é apenas reprodutor, mas produtor de saberes ilustrados.

Ana Cardoso de Matos e Liliana Maia Pina são responsáveis por *O papel dos Congressos e das Exposições Universais no desenvolvimento da telegrafia eléctrica em Portugal (1855-1879)*, abrindo uma outra agenda sob os signos «Exposições Universais» e «Congressos Internacionais», instrumentos de circulação internacional de pessoas, de ideias e de tecnologia, no qual Portugal estava totalmente inserido.

Elisabete J. Santos Pereira aborda *Coleções privadas portuguesas no contexto científico internacional – António Paes da Silva Marques e Francisco Tavares Proença Júnior*. Um contributo que permite desvendar as teias (invisíveis) entre o colecionismo privado e a antropologia e arqueologia enquanto práticas científicas, no final do século XIX e primeira metade do século XX.

Ainda no território da arqueologia, Pedro Marques aborda a figura de *José Leite de Vasconcelos e o Additamenta nova ad corporis volumen II de 1913: a epigrafia do conuentus Pacensis*. Uma forma de inserir a internacionalização da epigrafia latina encontrada em Portugal numa visão internacional do trabalho de Leite de Vasconcelos.

Num registo comparável – o *focus* de análise numa personalidade da cultura e da ciência – Sara Cristina Silva aborda *Reynaldo dos Santos (1880-1970): entre o internacionalismo científico e o “diletantismo” artístico*. O médico e o historiador de arte em contextos de reconhecimento internacional e de estratégia de difusão pública do património artístico português.

É tempo de voltar a olhar o espaço ultramarino. Desta vez Moçambique, pela escrita de Luís Pequito Antunes: *Relações de vizinhança e internacionalização da ciência em Moçambique: os encontros científicos realizados em Lourenço Marques (actual Maputo) entre 1913 e 1968*. Tema central: encontros científicos organizados pela *South African Association for the Advancement of Science*, pela *Union of South Africa Medical Association* e pela *South African Museums Association* em Lourenço Marques (Moçambique), com o apoio da administração e serviços coloniais e contributo para nova visão da «ciência colonial».

Ana Carina Azevedo conduz-nos para o papel d'*A transferência de conhecimentos de organização científica do trabalho: o papel dos consultores internacionais em*

*organização*. No século XX a difusão internacional da organização científica do trabalho, em diversos países, relaciona-se com o desenvolvimento do sector da consultoria em organização, fatores determinantes que nos ajudam a entender a dinâmica de atores nas instituições produtivas e científicas, num registo internacional.

Manuel Correia apresenta-nos um modelo de boa organização científica em função de um objetivo: *Portugal-Brasil: mola real do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina de Egas Moniz (1949)*.

É ainda no âmbito das estratégias de internacionalização e consagração científica que se insere o contributo de Ana Cristina Martins: *O 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (1958) entre a internacionalização da ciência e o internacionalismo científico*. Um encontro de duas gerações de arqueólogos: os consagrados de fim de século XIX e a emergência da dinâmica científica em Portugal da *New Archaeology*, de matriz anglo-saxónica.

Por último, num olhar sistémico e pluridisciplinar, o estudo de Cristina Emília Silva e Gonçalo Furtado, *Divulgação Internacional da Arquitectura Portuguesa, 1977-1983*, permitindo uma comparabilidade temática, e de agendas de investigação, com a internacionalização da ciência, instituições e atores.

Por fim, queremos deixar uma palavra de profundo agradecimento, e de incentivo, à Ângela Salgueiro e ao Quintino Lopes, bolseiros de doutoramento da FCT. Desde a primeira hora que se envolveram entusiasticamente na organização do Colóquio Internacional da Rede HetSci, e numa fase posterior, no trabalho de edição deste livro. Foi um grande prazer académico e pessoal termos sido acompanhadas nesta missão pelos doutorandos FCT, sinal muito claro e inequívoco que a geração de bolseiros de doutoramento percorre, com gosto, vários caminhos de aprendizagem e de investigação.

Maria de Fátima Nunes  
Maria Fernanda Rollo